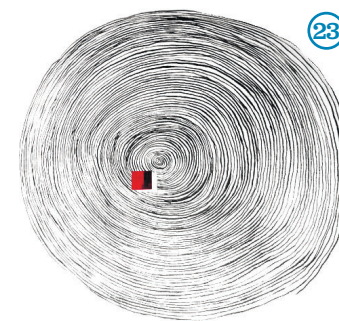


# CÍRCULO DE ESTUDOS DO CENTRALISMO

O INTERIOR



## AS OPINIÕES NÃO VINCULAM O CÍRCULO

### ASSOCIADO CONVIDADO



POR

**Luís Mira Amaral**  
Engenheiro e economista

## Litoral, Interior e IDE

Estamos habituados à dicotomia entre Litoral e Interior vinda duma época em que a zona fronteiriça entre Portugal e Espanha era quase uma terra de ninguém, dado que Portugal e Espanha viviam do ponto de vista económico de costas voltadas. A entrada simultânea na então CEE, em 1986, veio permitir o estreitamento das relações económicas entre os dois países que foi sem dúvida acelerado, a seguir, pelo grande mercado único europeu e pela criação do euro. Integrados no mesmo mercado único europeu e utilizando a mesma moeda, acabámos por construir entre os dois países um verdadeiro mercado ibérico. Aquilo que anteriormente se designava o Interior de Portugal em antítese ao desenvolvido Litoral não mais se pode chamar geograficamente Interior, pois está hoje mais próximo do centro do mercado ibérico do que o Litoral. Obviamente que tal não acabou com as assimetrias de desenvolvimento que ainda existem entre o Litoral e o Interior, mas a integração dos dois países no mesmo mercado ibérico veio dar novas oportunidades de desenvolvimento a esse Interior.

Nesta coluna, o artigo recente do professor Daniel

Bessa intitulado “As capitais de distrito do Interior” vem corroborar esta minha tese. Diz ele que hoje todas essas capitais oferecem Ensino Superior, todas têm um índice de poder de compra per capita em 2022 próximo da média nacional e todas estão acima de cidades típicas do Litoral como Guimarães ou VN Famalicão. Também as assimetrias tradicionais entre o Litoral e o Interior se esbateram, pois se em 2002 havia 60 municípios abaixo dos 50% da média nacional, em 2022 os municípios com valores mais baixos, mas todos acima dos 60%, são Ponta do Sol, Porto Moniz, Penamacor e Vinhais. As assimetrias não serão agora tanto entre Litoral e Interior, mas entre cidades e meio rural. Mesmo dentro das áreas metropolitanas de Lisboa e Porto, subsistem chocantes desigualdades entre os dois mundos. Sabemos que a tendência para se viver nas cidades é irreversível, cabendo às cidades criar oportunidades de desenvolvimento desse meio rural, nomeadamente através de atividades (no meio rural) de cultura, lazer, desporto e turismo para as populações, as locais e as cidadinas. O poder central tem que continuar a fazer investimento público nestas geografias, as capitais de distrito começam a ter massa crítica para criar efeitos de arrastamento nos seus territórios adjacentes e os municípios com maior dimensão e capacidade devem preocupar-se em criar condições de habitação, qualidade de vida, cultura, lazer e desporto para atraírem gente qualificada. Sabemos que o poder de compra per capita não é tudo e há casos de perda de população. O exemplo de Oeiras mostra que, criadas essas condições, as empresas são atraídas porque sabem que há condições de fixação para os quadros e talentos.

Mangualde e Palmela são dois concelhos que desde os inícios dos anos 60 e 90, e graças às boas condições logísticas de comunicação, beneficiaram de IDE (investimento direto estrangeiro) no cluster automóvel, que como ministro da Indústria ajudei a fortalecer e dinamizar. Viram agora decisões de novo IDE da Stellantis e da VW para a produção de veículos elétricos. Segundo a Portaria 208/2017, Mangualde industrializado ainda pertence ao Interior, o que não se percebe, enquanto a sua capital de distrito, Viseu, não pertence. E Palmela também não. Esta disparidade é um bom exemplo do embaraço, por vezes anacronismo, da dicotomia Litoral-Interior... Outro aspeto curioso é que a Autoeuropa em Palmela, através da dinamização que consegui da indústria de componentes por todo o país, acabou por ajudar a fazer investimentos fabris, incluindo IDE, em concelhos então do Interior.



Portugal precisa de uma boa discussão conceptual e política sobre IDE e dicotomia Litoral/Interior